



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**EUSTAQUIA SALVADORA DE SOUSA**

**(depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-324

**Entrevistada:** Eustaquia Salvadora de Sousa

**Nascimento:** 30/04/1945

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada – Belo Horizonte – MG

**Entrevistadora:** Luiza Aguiar dos Anjos e Suélen de Souza Andres

**Data da entrevista:** 22/02/2017

**Transcrição:** William Charles Osório Gomes

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** William Charles Osório Gomes e Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 1 hora 39 minutos e 34 segundos

**Páginas Digitadas:** 32 páginas

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação acadêmica e atuação profissional; A pesquisa no Mestrado; O tema de doutorado; Estudos de História da Mulher e Gênero; Pesquisas históricas; Grupo de estudos sobre história da Educação Física; Envolvimento com trabalhos relacionados ao Gênero; Grupos de Gênero; Envolvimento com o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE); Disputas internas; Criação dos Grupos de Trabalho Temático (GTTs); O Gênero nos GTTs; O CBCE e a Lei de Diretrizes e Bases; Palavras finais.

Belo Horizonte, 22 de fevereiro de 2017. Entrevista com Eustaquia Salvadora de Sousa a cargo das pesquisadoras Luiza Aguiar dos Anjos e Suélen de Souza Andres para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. – Professora Eustáquia, em primeiro lugar gostaríamos de agradecer a senhora por disponibilizar esse tempo para a gente conversar, compartilhar um pouco da sua trajetória, das suas experiências. Eu queria que a senhora começasse falando um pouco sobre a sua formação acadêmica.

E.S. – Eu cursei Licenciatura em Educação Física, só existia licenciatura nessa época, na UFMG<sup>1</sup>, quer dizer, na realidade eu comecei num curso que ainda não era UFMG, era um curso da PUC<sup>2</sup>, porque não existia o curso na UFMG. Então o que aconteceu? Ele foi da PUC até 1969, em 1969 foi federalizado, no auge da ditadura, foram federalizadas várias escolas, inclusive a do Rio Grande do Sul e a nossa, e eu estava cursando naquela época. Daí eu concluí em 1970 na UFMG. E fiquei vários anos trabalhando em escola, desde criança pequenininha, escola estadual principalmente, a minha vida sempre foi ligada a instituição pública, estudei em escola pública, e também dei aulas em escolas públicas, na Escola Polivalente, na época, não sei se vocês sabem o que é. Foi um modelo de escola criada aqui no Brasil também na época da ditadura, que era um chamado escola modelo, que ele vinha, ficavam quarenta horas por semana na escola, tinha todo um padrão diferenciado. Depois na Escola Técnica Federal, que aí foi ensino fundamental, e depois fui pra UFMG. E nesse período então eu iniciei meu mestrado em Santa Maria<sup>3</sup>, no Rio Grande do Sul, fiquei lá dois anos e meio estudando. Nesse período eu já era só professora na UFMG, eu fui professora na Faculdade de Educação, não era na Escola de Educação Física, porque eu trabalhava com prática de ensino e estágio, então a parte pedagógica, a parte da reforma de 1968, ela foi toda para as Faculdades de Educação, no país inteiro, então eu fui lotada na Faculdade de Educação e trabalhei lá até me aposentar. Então nesse período eu atuei muito tempo também, não só na formação do professor de Educação Física, mas também de pedagogos e também em formação continuada de professores de várias redes de ensino e etc... Depois em 1990 eu

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Maria.

fui para UNICAMP<sup>4</sup>, que eu fiz meu doutorado, aí foi em Filosofia e História da Educação, que eu trabalhei com a categoria gênero, como base. Voltei, e fiquei, me aposentei em 2004 na UFMG, depois fui para a PUC implantar o curso de Educação Física, porque é aquele que tinha sido 1969, que foi para a UFMG, a PUC não matinha mais a graduação, então, eles tinham esse sonho de retomar, retomaram, e aí eu ajudei então a criar o curso, fiquei lá sete anos. Agora eu sou uma aposentada que cuida de casa [risos]. Mais ou menos isso que aconteceu. Agora nesse caminho *muita* história, *muita*, porque eu era muito envolvida com tudo que acontecia, o grupo da constituinte, LDB<sup>5</sup>, né, CONBRACE<sup>6</sup>, foi muita coisa nesse caminho, acho que nem lembro de tudo mais [risos]. Mas foi muito bom.

L.A. – A senhora poderia falar um pouco mais das temáticas de pesquisa do seu mestrado e do seu doutorado, e um pouco da motivação que te conduziu a esses temas.

E.S. – Sim. No meu mestrado eu trabalhei exatamente com estágio. Eu era professora de estágio, de prática de ensino, então você imagina, eu fui para Santa Maria, primeira turma, a gente na realidade quase não tinha livros, para você ter noção, não existia nada informatizado, você ia para a biblioteca pegava umas fichazinhas e começava a folhear pra ver se achava algum tema, alguma pesquisa. Em Educação Física era pouquíssima ainda naquela época, existia muito mais na área de Fisiologia, mas na área social era quase nada, e na área pedagógica. Então o que me motivou exatamente era compreender um pouco da profissão, das funções que eu exercia naquele momento, que era professora de estágio. Então eu conseguia algumas publicações principalmente americanas, publicações que a gente tinha e também alemãs, porque a nossa referência em Santa Maria era também muito alemão, que nas primeiras turmas muitos professores nossos vinham da Alemanha, ficavam ali em Santa Maria um mês, dois meses, três meses, e aí tinha o de Sociologia, Biomecânica, tudo foi dado por alemães. Mas assim, o que chegava mais para gente ou era literatura na língua espanhola, que vinha da Argentina, mas era mais nessa linha pedagógica quando vinha de lá, não era muito da pesquisa, como se pensava naquele momento e aí então eu comecei a pensar em alguma coisa que me ajudasse a melhorar a minha prática né. Então o tema que eu decidi por ele foi a influência do supervisor de estágio durante a formação continuada, na

---

<sup>4</sup> Universidade Estadual de Campinas.

<sup>5</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

<sup>6</sup> Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

formação daqueles alunos, o que o aluno de certa forma conseguia aprender naquele estágio, tinha relação com a maneira de pensar ou de fazer, ou de ensinar do supervisor? E aí foi primeiro, muita dificuldade, porque a literatura era muito pequena, para você ter noção eu encontrei um artigo que falava sobre esses temas e dava outras referências, mas como achar isso. Então tinha um professor lá de Santa Maria que estudava naquela época, vários deles estudavam nos Estados Unidos: o Jefferson<sup>7</sup>, a Marta<sup>8</sup>, um que chamava João, o Zinn<sup>9</sup>, esse aí eu acho que até morreu, já fiquei sabendo. E o João, ele veio por acaso em Santa Maria, eu dei uns dólares para ele e falei: “Por favor, me compra esse artigo lá nos Estados Unidos” [risos], pra você ter noção da diferença de hoje para aquela época. “Me encontra esse artigo e me manda que eu preciso muito dele”. Então foi esse artigo que me orientou um pouco a ter base para trabalhar com a minha dissertação. E outra coisa, uma orientação que era uma visão de pesquisa muito quantitativa né, eu tinha uma orientadora que era portuguesa, ela não era professora de Educação Física, ela era professora de Física, Maria Virgínia dos Santos Silva, ela chamava. Então, eu trabalhei com questionário, o chamado Teste de Caracterização, então, a gente criou um questionário e que tinha a opinião, a relação do que pensava o professor e o que pensava o aluno. E eu, por sorte, sei lá, comecei a também fazer anotações assim, um pouco por minha conta, porque esse não era o foco das pesquisas na época sabe. E aí eu fazia muitas anotações em aula, quer dizer, hoje que eu entendi que é qualitativo, porque naquela época não se falava muito nisso. E isso me ajudou um pouco a compreender os resultados da minha pesquisa, que a princípio seria muito decepcionante porque não deu nada de relação entre um e o outro. [risos] Mas aí tinham coisas que eu podia ajudar explicar o porquê; por que não deu relação? Os supervisores não iam, eu peguei um trabalho dos professores da própria universidade que os alunos da graduação davam aula para os outros alunos da universidade, que chamava Educação Física no terceiro grau. E aí como eles não tinha orientação direta, eles iam lá, trabalhavam e eu comecei então a explicar um pouco isso. Mas hoje eu olho o meu trabalho e falo assim: “não tem nada mais a ver comigo”. Entendeu? [risos] Foi aquele momento histórico e que foi uma vez. Depois o doutorado, quer que eu fale do doutorado né?

L.A. – Pode.

---

<sup>7</sup> Jefferson Thadeu Canfield.

<sup>8</sup> Marta de Salles Canfield.

<sup>9</sup> João Luiz Zinn.

E.S. – Então no doutorado que já foi ai anos 1990, início dos anos 1990, eu tinha em mente uma questão assim, que me incomodava muito: era a separação de meninas e meninos nas aulas de Educação Física, na escola... Fila de menino, fila de menina, tanto é quando eu entrei pra universidade para dar aula, e isso foi em 1976, de Prática de Ensino; tinha Prática de Ensino masculino e Prática de Ensino no feminino, então eram duas turmas, dos homens era uma turma, que era um número muito mais reduzido e ai eu falei: “gente pelo amor de Deus, vamos acabar com essa história.” [risos] E eles tinham pouco, mas sem fundamentação teórica, talvez um pouco mais de fundamentação na vida prática... Falar assim: “depois vocês vão para as escolas vão ter que trabalhar rapaz e moça junto com o professor e professora, como é que fica isso?”. Então a gente sugeriu e juntamos, era a única disciplina concentrada na prática que era mista sabe, feminino e masculino, e isso também acontecia e que também me incomodava como professora era, tinha concurso masculino, tinha concurso feminino, tinha vaga masculina e feminina. Então, por exemplo, quando eu fiz, acabei de formar em 1970, tinha concurso pra essa escola, Polivalente, tinham vagas masculinas e vagas femininas; era um masculino para Belo Horizonte, e um no feminino, só que as candidatas mulheres eram muito mais para ser professora, então, era assim, e aquilo me incomodava bastante sabe. E nessa começaram a surgir algumas discussões sobre a questão da mulher na Educação Física, com a redemocratização do país começaram a vir muito essas ideias; Educação Física para as mulheres, para as pessoas com deficiência, nem se pensava que pessoas com deficiência fazia Educação Física, é, para os índios, sabem. Então essa questão começou vir à tona com mais força, tanto pelos pedagogos da Educação Física, quanto nas discussões gerais na Educação. E como eu estava numa Faculdade de Educação isso me ajudou muito, porque ali esses temas eram mais recorrentes, bem mais recorrentes do que na própria Educação Física, que ainda estava numa visão assim, bastante tecnicista e etc... Então foi por aí que eu comecei a me interessar por estudar gênero, mas no início eu não fui para estudar gênero. Eu fui para estudar mulher, porque era o que já existia de discussão na época, tanto na Educação Física, como também na Educação. E olha, eu comecei a fazer o meu projeto e tudo, já estava entrando na UNICAMP<sup>10</sup>, que eu descobri essa categoria de gênero e daí comecei trabalhar com ela, mas na frente. Você quer que eu fale nela agora?

---

<sup>10</sup> Universidade Estadual de Campinas.

L.A. – Se quiser, acho que talvez a gente inverte a ordem não tem problema. Podemos.

E.S. – Gênero, então assim: eu me lembro, o que me despertou também, tinha o livro do Lino<sup>11</sup> que ele trazia alguma história, “Educação Física: a história que não se conta”, que trouxe um pouco da legislação, que ele falava que até os anos 1970 as mulheres eram proibidas de praticar judô, e aquelas coisas lá... Na escola de Educação Física existia um currículo masculino e um feminino, totalmente separado, vaga masculino e feminino. A Elaine Romero também já escrevia alguma coisa do curso de Psicologia que ela fez em São Paulo, já tinha textos dela. Então até a princípio estava pensando em trabalhar mulher, aí comecei a me aproximar do grupo que foi recém criado lá, na época, na Faculdade de Educação, que era o GEHM, que era Grupo de Estudo da História da Mulher, que a Eliane Marta Lopes<sup>12</sup> que estudava, que coordenava esse grupo. Daí eu ouvi falar de gênero, grupo de gênero, aí eu falei; “o que é gênero mesmo?” [risos] Aí ela começou a me passar os livros do pessoal que produzia na época e aparece a Joan Scott<sup>13</sup> e todo aquele grupo da época... Bourdieu<sup>14</sup>, e eu entrei para esse grupo, foi ele que me deu o reforço para compreender gênero. Nesta época também já existia Guacira<sup>15</sup> no Rio Grande do Sul, um pouco antes da Silvana<sup>16</sup>, e também a gente estudava história da educação da mulher. Foi a história da educação da mulher que deu o gancho para a gente pensar em gênero e também história da mulher na Educação Física; foi lá que a gente buscou fontes teóricas para trabalhar isso nesse momento. Então entrei para o grupo e comecei aos poucos a estudar gênero; foi por aí, naquele momento os teóricos já tinham compreendido que não adianta estudar mulher sem estudar homem, então, foi aquele momento, assim, foi descoberta para mim e a partir daquilo ali a gente começou. É mais ou menos, mais ou menos isso. E como a minha vida foi sempre muito ligada a questões de ordens pedagógicas... Ah, esqueci de dizer que antes eu era professora primária. Antes de fazer Educação Física, eu fiz curso normal, então, eu já tinha esse caminho pedagógico sabe, que me trilhou muito. Então também fiz muitos estudos, pesquisas também na área pedagógica.

---

<sup>11</sup> Lino Castellani Filho.

<sup>12</sup> Eliane Marta Santos Teixeira Lopes.

<sup>13</sup> Joan Wallach Scott.

<sup>14</sup> Pierre Félix Bourdieu.

<sup>15</sup> Guacira Lopes Louro.

<sup>16</sup> Silvana Vilodre Goellner.



L.A. – E como é que veio o interesse na pesquisa histórica na sua trajetória?

E.S. – Eu acho que foi exatamente nesse grupo lá da Faculdade de Educação, do GEHM, eles estudavam história da mulher, eu sempre gostava de história, já era... Eu pensava assim: “quando eu me aposentar, eu vou fazer graduação em história”.

L.A. – É agora [risos].

E.S. – É [risos]. E comecei a pensar: puxa, tem uma chance aqui de eu juntar um pouco dessas coisas para compreender que a minha questão específica no momento era compreender por que homens e mulheres eram separados na Educação Física; não eram separados nas outras disciplinas da escola, porque nas escolas anteriormente era só masculino e o feminino, e tudo isso a gente ia vendo ali na história. Eu falei: “puxa, tem aí um tema interessante...” E comecei a estudar, por exemplo, os pareceres do Ruy Barbosa<sup>17</sup>, ele sempre apontava coisa da separação, daí pensei: “mas não dá para compreender a mulher hoje, o gênero hoje, se eu não buscar na história”. Então um pouco isso que me motivou, sabe. Normalmente a gente não vê isso, de onde vem isso, esse comportamento, essas atitudes em relação ao homem e a mulher. Sempre foi assim? O que o mudou? E eu quando comecei a fazer a pesquisa, eu tinha assim, quer dizer, erroneamente depois que eu fui descobrir, era porque eu estava enganada, que quando os currículos das escolas passaram a ser misto teria acabado o problema, mas não é nada disso. A hora que eu fui estudando eu fui vendo que não era nada disso, isso foi puxando, puxando, e minha curiosidade acabou... A minha história terminou na época que eu estava quase defendendo a minha tese, porque eu ia, por exemplo, na Escola de Educação Física e via lá aulas de basquete, com um professor, lá meninos e meninas, rapazes e moças jogando juntos na Escola de Educação de Educação Física. Ei eu perguntei para o professor: “como é que é? Você teve dificuldade de trabalhar a partir do momento em que juntou as duas turmas?”. Ele: “no início tinha muita resistência, mas depois eu vi que era besteira, porque as meninas entram com a inteligência e os meninos entram com a força” [risos]. Eu falei: “Puxa, mudou muito pouco”, sabe, mudou muito pouco. E aí quer dizer, quando eu concluí a minha tese eu estava exatamente descobrindo que eu estava muito enganada de tudo que eu pensava antes. Mas eu acho que

---

<sup>17</sup> Ruy Caetano Barbosa de Oliveira.

a história ajuda a gente a compreender muito essas questões culturais e foi por isso que eu fui um pouco por ai também.

L.A. – E que outros grupos e pessoas dentro da Educação Física que também pesquisavam história nesse período em que você iniciou os seus trabalhos com a história?

E.S. – Com história? Eu acho que não tinha muito grupo ainda não. Tinha por exemplo, talvez a UNICAMP já tinha grupo, mas eu acho que não; acho que eram mais estudos individuais, acho que tinha o Lino que fazia mais recentemente e antes história era escrito principalmente pelo Inezil Penna Marinho. Não me lembro, ou então era história da Educação Física, mas era história, Educação Física no mundo, “no oriente era assim. Não sei onde era assim. Em época tal era assim”, sendo livros que a gente encontrava, eu me lembro bem. Eu cito na minha tese do Greeff<sup>18</sup>, esqueci o primeiro nome dele, que falava isso, “Educação Física nas Américas”; então vinha o Inezil dizendo “Educação Física existe desde que os índios chegaram aqui, eles pulavam para aqui, para lá e etc...”. Mas assim, grupo de história da Educação Física eu não me lembro, sabe. Ai já existia então os grupos de história da Educação e partir daí foram eles que foram nos alimentando nesse processo, entendeu? No Rio Grande do Sul tinha, em São Paulo na USP<sup>19</sup> também tinha o grupo com a Marta<sup>20</sup>, lá que o Tatá<sup>21</sup> entrou depois nesse grupo. Mas eu não me lembro de nenhum grupo, pode ser que existisse, mas eu não me lembro, nem a Carminha<sup>22</sup> também não trabalhava ainda nessa época com história, eu não me lembro não, de mais ninguém.

L.A. – Era bem incipiente.

E.S. – É, era.

L.A. – E como é que era a visão dos pesquisadores de outras áreas da Educação Física com relação a esse tipo de pesquisa que estava surgindo? Como é que você viu o olhar dos seus colegas com relação a essa discussão?

---

<sup>18</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>19</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>20</sup> Maria Marta Chagas de Carvalho.

<sup>21</sup> Tarcísio Mauro Vago.

<sup>22</sup> Carmem Lúcia Soares.

E.S. – Olha, eu sempre achei que era visto com bons olhos, porque era tudo tão novidade, entendeu, acho que mesmo o pessoal assim em congresso, etc, por mais que não valorizasse a história - porque muitos não valorizam ainda a história, você pode ver os currículos das escolas de Educação Física a maioria põe uma carga horária pequeníssima pra história, etc né. Mas eu acho que eu via com respeito sabe, porque era um trabalho muito bem feito na maioria das vezes; trabalhos que você vai em busca de fontes que nunca foram visitadas antes e foi uma novidade assim na área, foi uma novidade. Eu me lembro do Victor<sup>23</sup> talvez, eu não sei, não o Victor também nem fazia isso ainda; o Victor ainda era estudante [risos]. Depois que veio o grupo dele também, eu estava tentando ver se existia algum grupo, mas eu não me lembro.

L.A. – E por qual espaço vocês circulavam? Era mais ligada a área da Educação ou havia outros, em termos de congresso, que espaços haviam?

E.S. – Olha, nos congressos a princípio era bem ANPED<sup>24</sup>. A gente ia mais aos congressos, por exemplo, de História da Educação em Minas Gerais, a gente começou publicar junto com o pessoal da Educação, tanto é que a gente, tem livros daquela época e etc. E depois foi realmente o CONBRACE<sup>25</sup> o lugar que foi um espaço muito bom para isso, com a criação dos GTTs<sup>26</sup>. Eu acho que foi igual, mas a ANPED era um lugar, um espaço que a gente apresentava muito nossos trabalhos no início, que era um espaço da Educação, mas que aí bom, nós também somos Educação. Então, por exemplo, quando tinha, a reunião da ANPED foi em BH<sup>27</sup>, a gente fez um grupo pra estudar história, para apresentar grupos de história. Então é mais ou menos isso, mas as nossas fontes realmente foram as Faculdades de Educação mesmo, a História da Educação. Na minha percepção [risos].

L.A. – E hoje em dia Minas Gerais tem um grupo de História bastante constituído, muito forte, com um número de pesquisadores bastante amplo. Como é que você vê um pouco a trajetória da constituição desse grupo e a sua participação nesse processo.

---

<sup>23</sup> Victor Andrade de Melo.

<sup>24</sup> Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação.

<sup>25</sup> Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

<sup>26</sup> Grupos de Trabalho Temático.

<sup>27</sup> Belo Horizonte.

E.S. – Foi interessante porque em 1990, foi em 1990? 1989 ou 1990, o Tarcísio Mauro Vago entrou para o mestrado em Educação, foi o primeiro aluno. Tinha mais a Cecília Borges<sup>28</sup> que veio do Rio Grande do Sul também, de Pelotas<sup>29</sup>, que também fazia, e eu ainda não tinha doutorado nessa época, tinha mestrado e trabalhava na faculdade. Então o pessoal do mestrado da Faculdade, naquela época pessoas com mestrado ainda davam aula no curso de mestrado, porque pouca gente tinha doutorado, então, eles me convidaram, falaram assim: “Você poderia dar uma disciplina específica da Educação Física aqui no mestrado para atender os alunos da Educação Física porque eles não estão com nenhuma disciplina específica”. Como a professora Gláucia Brandão<sup>30</sup>, não sei se vocês já ouviram falar nela, agora é deputada, ela tinha voltado dos Estados Unidos, eu falei: “Gláucia, me ajuda então”, porque entrava o nome dela e o meu, então nós criamos uma disciplina, e eu já tinha feito seis meses de estudo na UNICAMP. Eu tirei férias prêmio e fiquei na UNICAMP estudando um pouco, durante seis meses pensando no meu projeto, aí antes de eu fazer a seleção para o doutorado. E, então foi lá que eu comecei a estudar um pouco Ruy Barbosa, e também História da Educação porque eu fiz lá disciplinas da História da Educação. Então eu juntei aquilo tudo lá e falei: “Vamos fazer um curso baseado na história da Educação Física, nas ideias pedagógicas ao longo da história da Educação Física.” Aí a gente começou lá do Ruy Barbosa. Então tinha o Tarcísio, a Meily<sup>31</sup>, a Marilita<sup>32</sup>... O Tarcísio era aluno regular, mas a gente abriu quinze vagas para quem quisesse fazer, era uma disciplina isolada. Entrou esse grupo todo: o Zé Alfredo<sup>33</sup>, Zé Ângelo<sup>34</sup>, a Cida<sup>35</sup> lá do COLTEC<sup>36</sup>, não sei vocês conhecem, também fez em História. E é a gente começou, ali foi muito legal, porque aí vários deles foram pra área de História. Depois dessa disciplina, a gente fez um grupo de estudo a partir da disciplina que a gente ministrou lá no mestrado, e a gente continuou estudando; a gente se encontrava para ler os livros que tinha acabado de sair. E saiu a Miséria da Educação Física, a Carta não sei...”, então, a gente sentava e discutia... Já tinha um grupo mais ou

---

<sup>28</sup> Cecília Maria Ferreira Borges.

<sup>29</sup> Cidade do Rio Grande do Sul.

<sup>30</sup> Maria Gláucia Costa Brandão.

<sup>31</sup> Meily Assbu Linhales.

<sup>32</sup> Marilita Aparecida Arantes Rodrigues.

<sup>33</sup> José Alfredo Oliveira Debortoli.

<sup>34</sup> José Ângelo Gariglio.

<sup>35</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>36</sup> Colégio Técnico da UFMG.

menos organizado de leitura. A Marilita depois foi no mestrado estudar a história do Minas Tênis<sup>37</sup> e, de cara, no doutorado ela já foi estudar o sistema político de esporte de Minas Gerais. O Tarcísio resolveu ir pra USP e é muito interessante, a gente discutiu muito... Eu me lembro exatinho o dia que o Tarcísio falou: “O que eu vou estudar?” Eu falei: “Puxa, vamos pensar juntos.” E a gente pensou junto e fez um projeto, passou na USP. A Cida também foi trabalhar no festival de dança, que ela era professora de dança, e a Cida acabou sendo minha...Eu fui co-orientadora dela depois no mestrado na própria faculdade. Então aquele grupo todo saiu para o mestrado e para o doutorado e foi interessante porque depois vieram os alunos do Tarcísio... [risos] Eu acho que a maioria surgiu daquele momento ali, um despertar, a gente trabalhou um pouco a história das ideias pedagógicas na Educação Física, começando pelo lado do Ruy Barbosa. E aí entrou gênero no meio, um monte de coisa, mas a gente chegou a, por exemplo... Estudamos o Ruy Barbosa, depois do início do século, o início do século XX, que depois o Tarcísio trabalhou essas primeiras décadas. Então a gente começou a puxar daquela literatura, aquelas fontes, as Revistas do Ensino para ver o que falava de Educação Física porque quase a gente não tinha... Você pegava as fontes e via que elas não tinham sido vistas por um olhar do professor de Educação Física. E aí foi legal, depois começavam os alunos que tinham o Trabalho de Conclusão de Curso, porque passou a ser obrigatório e vários começaram a fazer sobre professores... A Marília<sup>38</sup> fez sobre Dona Guiomar<sup>39</sup>, um outro fez sobre Professor Pereirinha<sup>40</sup>, então, fomos juntando um pouco e aí eu acho que o grande *boom* depois foi o Tarcísio, a Meily e o grupo que criou o Centro de Memórias dentro da Escola de Educação Física. E deu um outro vapor. E teve muita coisa nesse caminho. [risos]. Mas eu acho que foi muito legal, a gente começou junto aquele grupo.

L.A. – Plantou uma semente e floresceram bastante. Retomando um pouco da questão de gênero, você já disse um pouco do envolvimento da temática. E de forma similar ao que a senhora disse com relação a história. Quais as principais influências que a você apontaria para Educação Física para discutir isso? Também era bebendo na fonte da Educação ou havia outras?

---

<sup>37</sup> Minas Tênis Clube.

<sup>38</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>39</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>40</sup> Nome sujeito a confirmação.

E.S. – Eu acho que foi bebendo fontes da Educação, sabe, porque as teorias todas que a gente pegava na História, Metodologia de História, ai vamos pensar... Todo mundo que começou a trabalhar, vamos ver, o Victor, a Silvana em São Paulo, a Carminha na Unicamp, o próprio Lino que foi na PUC de São Paulo... Então a nossa literatura era de História de Educação, sabe, porque já existiam os pensadores que já pensavam História em novas perspectivas, porque deixou de ser aquela História que contava só a partir dos poderosos. A História do Cotidiano que passou a influenciar muito as pesquisas, você vai ver que a gente parte mais para entrevista, para documentos produzidos no dia-a-dia, nos relatórios de escola, relatórios de inspetor, livros didáticos, mas também em cadernos produzidos na Educação Física. Então as fontes foram mudando muito. Você pode ver, por exemplo, o livro do Lino que tinha como fonte os documentos oficiais; o Inezil Penna Marinho só trabalhava com documentos oficiais, então, aquela História era a História escrita a partir daquilo que os legisladores, que os políticos pensavam, mas não naquilo que acontecia no cotidiano. Então você pode perceber que se você fizer uma análise dos estudos desenvolvidos depois eles vão muito mais nessa linha da História Nova, da Nova História.

L.A. – E com relação aos estudos de gênero, que outras pessoas você percebia que também no campo da Educação Física estavam se interessando ou se aproximando dos estudos de gênero quando você também fez esse movimento. Se é que tinha alguém.

E.S. – Em 1994, entre 1990, a partir de 1990 né. Eu acho que tinha mais de mulher, eu me lembro mais de mulher que era a Elaine Romero... Que mais que existia de mulher na Educação Física? Existiam livros escritos que também eu cito no meu trabalho, vários livros de mulher e atividade física, mas era naquela perspectiva biológica, não era bem assim de História. Eu sei que em termos internacionais também tinha um forte movimento de mulheres, me lembro da Fernanda<sup>41</sup>, do Rio de Janeiro que ela pertencia a um grupo de mulheres europeias; comecei a ler muitas coisas do que era produzido na Inglaterra principalmente, na Inglaterra, nos Estados Unidos e até tem vários livros que a Silvana deve ter lá, até coisas que eu tinha xerocado sobre mulheres e esporte. Mas gênero e esporte não apareciam; gênero e atividade física, eu não me lembro muito não, porque também estava começando na Educação essa discussão nesse momento. Pode ser que existisse, mas eu não

---

<sup>41</sup> Fernanda Barroso Beltrão.

me lembro de ter referido, quer dizer, todo o trabalho que eu lia de Educação Física e citei na minha tese; ele era uma referência a mulher, eu tinha que pegar mulher e homem, [risos], naquele momento eu tive que pegar, ai não é mais só mulher, então vou ver o masculinismo, e ai eu tentei fazer esse casamento, tanto é que na minha tese eu trabalhei escola masculina e escola feminina que historicamente era o masculino e o feminino. E depois a luta para juntar isso, por exemplo, na escola pública dos anos 1920... O resultado era muito engraçado, não sei se vocês trabalham ou se lembrar desse detalhe que era, passou com a questão da coeducação que foi defendida nos anos 1920, passou a ter um programa só de Educação Física; só que era para ser masculino e feminino, só que em determinados momentos assim, na dança: “expressas seus movimentos, seus sentimentos ao som de uma música”, entre parênteses “só para as meninas” [risos].

L.A. – Ai dos meninos se expressarem seus sentimentos...

E.S. – É, então quer dizer, eu não me lembro na Educação Física; eu não me lembro de trabalho com mulher, acho que exatamente porque também na Educação estava surgindo isso, tinha pouco tempo, com esses grupos da História da Educação, com a Guacira.

L.A. – E quais era os principais assuntos com relação as mulheres que você encontrou?

E.S. – Antes delas? Das mulheres.

L.A. – Isso.

E.S. – Era sempre aquela ideia de que mulher, é... Quando, por exemplo, tinha um programa específico para mulher e para homem, então se você pegasse nos... Eu ficava pinçando um monte de lugares, então pegava, por exemplo, o livro do Nicanor Miranda<sup>42</sup> que era o mais usado, que ele tinha um receituário de jogo e era duzentos... Não, no início era cem, depois foi aumento, aumentando, aumentando. Então tinha assim jogos para os meninos e jogos para as meninas”. Os jogos para os meninos eram a briga de galo, levar o boi, o porco na feira, era não sei o quê. E para as meninas era passar a fitinha. Então tentava trabalhar um

---

<sup>42</sup> Nicanor Teixeira de Miranda.



pouco o que que era essa imagem, essa representação de homem e de mulher que estava presente na Educação Física. Às vezes pegava um programa de Educação Física para as mulheres, daí não tinha exercício de braço, focava no abdômen, nas pernas e nas coisas sentimentais, da dança, de expressar seu movimento. E os meninos nada de dança... Programas dos anos 1960, por exemplo, para a Escola de Educação Física os homem não podia dançar, era considerado bicha. O voleibol era coisa só de mulher, os homens não podiam jogar, tanto é que os primeiros homens começaram jogar a voleibol foram sacrificados, nesse sentido: “não é homem não, joga voleibol, faz isso com a mãozinha...” Preconceito horroroso, não é. E eu fui pescando assim, o que mais que existiam, quer dizer, esses que eram o mais antigos, depois tinham aqueles que já falavam especificamente da mulher. Não era da História, por exemplo, da Elaine Romero, trabalhei com ela, mas era uma visão mais psicológica, com foco mais psicológico. O que mais que tinha de... Essa ideia de que a mulher não podia praticar determinados esportes porque fazia mal para a saúde, que ela não podia reproduzir, os órgãos sexuais poderiam ser afetados... Aí já foram aparecendo algumas coisas que tu falava: “não, não é bem assim não. Não é bem assim não, o órgão masculino é mais exposto que o feminino” [risos]. Então, eu já achei algumas coisas que chamavam o termo que usavam muito de estereótipos, chama estereótipos masculinos e femininos, que era mais ou menos na linha que a Elaine Romero também trabalhava. Depois eu tenho que olhar na minha..., eu olho mais coisas ali no meu trabalho, que eu posso distinguir mas seria mais ou menos isso.

L.A. – E você se recorda quando que começa a disseminar um pouco mais essa discussão propriamente dita de gênero? De pensar na relação, de ter alguma discussão, enfim, mais voltada para gênero e menos para essa questão da mulher e do homem?

E.S. – Eu acho que é mais final dos anos 1990, a partir dessa segunda metade dos anos 1990 começa a expandir. O grupo do Rio Grande do Sul que deu um grande passo a partir da Guacira, daqueles estudos, depois o trabalho da Silvana, eu acho que começou os orientandos dela fazer estudos tanto da graduação. Aqui em Belo Horizonte nós também conseguimos avançar bastante nisso, não só os trabalhos que eu orientei, mas também outras professoras da Educação orientaram alunos de Educação Física também com gênero. Tu falou gênero e Educação Física, né?



L.A. – Isso.

E.S. – Gênero e Educação Física. O que mais, eu acho que foi esse caminho que foi puxando... a Helena Altmann veio para cá, ela foi minha orientanda no mestrado e ajudou muito ampliar esse leque de discussão porque a gente tinha alguns elementos dessa questão de gênero que precisava de ir no cotidiano observar. Ela falou: “Vamos lá para a escola observar.” Ela ficou seis meses observando numa escola pública e foi muito interessante o cruzamento de exclusões que existiam ali dentro. Eu acho que foi um grande avanço que ela apontou no trabalho dela que eu gosto muito porque é um emaranhado de exclusões. Porque tinha essa ideia, a própria legislação dizia assim: “grupos masculinos e femininos para as aulas de Educação Física.” A lei estabelecia que tinha que ter grupo masculino e feminino, achava que resolvia o problema. E ela mostra que no dia a dia da escola, acho que no cotidiano da escola, que o que acontecia, tinha exclusão entre as próprias meninas e exclusões entre os meninos e as exclusões não eram só de gênero; tinha de gênero mas tinha também a de força. O menino fraquinho era excluído dos outros, as meninas também resistiam; elas resistiam, os meninos que diziam: “a quadra é minha.” Elas corriam, sentavam no meio da quadra e começavam o jogo: “Não, o jogo é nosso”. Então foi muito... E eu acho que foram dando uns passos também, teoricamente também, essa discussão não tem, não é essa, esse binário masculino e feminino, que todas outras possibilidades que tu poderia ter aí dentro. Eu acho foram realmente esses centros que trabalham... Eu acho que o nordeste também começou, teve algum trabalho lá, de gênero com a própria Celi<sup>43</sup> que orientou grupos. Eu fui banca de alunos dela lá, é, eu acho que em Santa Catarina, acho que a Maria do Carmo Kunz<sup>22</sup> também puxou isso. Ela fez o doutorado também dela na perspectiva de gênero, na verdade, em Portugal, o que mais? Foi Portugal o doutorado e mestrado na Alemanha, então, ela trouxe essa discussão. Em Viçosa<sup>23</sup> teve a Emmy Miotim também, mas ela trabalhou mais mulher, pouco depois que ela começou, veio pra cá e começou pensar em gênero, ela até orientou alguns trabalhos também de gênero. Eu acho que foi por aí mesmo, essas pessoas que começaram a criar novos núcleos... Não estou lembrada... No nordeste foi isso, lá no norte eu não lembro de ninguém que tivesse trabalhando gênero, mas eu acho que o mais forte mesmo foi Rio Grande do Sul, Unicamp. No Rio de Janeiro teve também um

---

<sup>43</sup> Celi Neuza Zulke Taffarel.

<sup>22</sup> Maria do Carmo Saraiva Kunz.

<sup>23</sup> Universidade Federal de Viçosa.

pouco de trabalho, por exemplo, o Carlos<sup>44</sup> ele fez o trabalho mais para o masculinismo, mas bem orientado pelo grupo da Faculdade de Educação. Foi a Eliane Lopes que o orientou, agora, lá mesmo, de gênero eu não estou lembrada. E teve a Elaine Romero com os grupos dela lá da Castelo Branco<sup>45</sup> mas eu acho que ela trabalhou também e continua trabalhando mais sobre mulher. Acho que foi mais ou menos isso. E quem mais também... Na Gama Filho<sup>46</sup> começaram a se criar alguns grupos como o Professor Sebastião<sup>47</sup> orientando algumas pessoas; depois ele trabalhou também junto com a Silvana em algumas publicações mas eu acho que foi isso. Eu não me lembro se teve também... A UERJ<sup>48</sup> também teve algum estudo, até o professor Alfredo<sup>49</sup> também orientou um pouco, mais dança e gênero, entendeu. Mas eu acho que os grupos mais que eu me lembre assim são esses né, não sei se depois surgiram, eu não lembro de nenhum em Paraná, no meu período né, agora...

L.A. – E, pensando agora com relação ao CBCE<sup>50</sup>. Quando que a senhora se associou ao CBCE, começou a frequentar aos eventos... Que motivos, o que representava o Colégio naquele momento?

E.S. – Olha, o Colégio era o que existia de científico, chamado de científico. Naquele momento de discussão era: “Educação Física é ciência? Não é ciência? Quer dizer, ele começou principalmente com Victor Matsudo<sup>51</sup>, o Manuel José Gomes Tubino, o Alfredo Gomes de Faria Júnior, eram pessoas que buscavam um pouco de ciência para a Educação Física, ou então, ir buscar enquadrar a Educação Física na ciência. Então o que acontecia? Era uma novidade na área porque até alguns anos atrás das... Que o Colégio acho que foi criado em 1978, se não me engano ... Eu não lembro exatinho quando foi, mais ou menos nesse período, nos anos 1970. Quer dizer, estava naquele momento que se questionava muito a Educação Física, que você não tinha bases teóricas, não tinha pesquisa, quase não existia livros, muito poucos livros, eles eram traduzidos... Os livros, por exemplo, pedagógicos saíam da Espanha eram introduzidos na Argentina, chegavam pra nós. As pesquisas que

---

<sup>44</sup> Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior.

<sup>45</sup> Universidade Castelo Branco.

<sup>46</sup> Universidade Gama Filho.

<sup>47</sup> Sebastião Josué Votre.

<sup>48</sup> Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

<sup>49</sup> Alfredo Gomes de Faria Júnior.

<sup>50</sup> Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

<sup>51</sup> Victor Keihan Rodrigues Matsudo.

existiam eram na área biológica mesmo, então, se produzia ciência, tinha a ver por aí. Então eles surgiam com esse grupo e junto, talvez, o professor Tubino tentava sair um pouco desse, também, trabalhava na área pedagógica também... O Lamartine<sup>52</sup>. Então esse grupo se reuniu e como uma liderança também da parte biológica era do Matsudo e criaram o Colégio. Eu me lembro da primeira reunião que fui, se não me engano foi em 1978, 1980, foi em Volta Redonda, eu acho que foi até o tempo que eu já estava fazendo mestrado, 1979, 1980, por aí. E era o auge, um lugar onde você podia começar a pensar Educação Física. E essa ciência o que que é, qual que é o objeto da Educação Física, a gente andava atrás desse objeto. Então era o espaço que era possível de fazer isso. E foi um grande avanço para aquele momento, para aquele momento histórico. Então depois, quer dizer, foram criando outros grupos, que tinham uma visão, porque esse grupo, em sua grande maioria, não tinha visão pedagógica, mas a grande maioria era ligada mesmo aos laboratórios de Fisiologia. Então começou, logo que passou alguns anos e começou a Nova República e tudo, com essa discussão ideológica foi surgindo outros grupos mais preocupados com o social, com o papel da Educação Física para a população como um todo, uma crítica de que esses laboratórios só produziam, e esses pesquisadores eles produziam esporte de alto rendimento. E aí começou realmente uma briga de poder e conseguiu se virar isso, começou, então quem foi eleito, foi um grupo que já pensava de maneira diferente. Entrou o Valter Bracht, voltando do mestrado, na época era o mestrado não? Era o doutorado dele, que ele fez o mestrado em Santa Maria; a Celi, muitas pessoas saíram de Santa Maria desse grupo com uma formação política mais densa e com enfoque mais sociológico; não só biológico, principalmente sociológico. E aí começou um embate muito forte, de não aceitar a ação de uma área pela outra, sabe. A gente viveu alguns momentos que eram muito complicado, a gente ia nos congressos era briga, [risos], para todo lado; eu acho que hoje essas coisas se acomodaram mais um pouco de pensar que todas essas dimensões tem seu papel, entretanto, que é importante que se pense em política públicas, não é, da Educação Física, que possa atender a população como um todo. Então acho que isso a gente já avançou bastante, mas essa briga naquele momento histórico foi muito dura, sabe, de embates enormes [risos], um momento até de falta de respeito mesmo, naquela euforia daquele momento histórico. Mas acho que as coisas foram acomodando, as pessoas foram amadurecendo porque também isso não acontecia só na Educação Física; acontecia também na Educação e nas outras áreas da sociedade porque você saiu de um regime muito

---

<sup>52</sup> Lamartine Pereira da Costa.

fechado que tinha o poder determinados grupos, no nosso caso específico, tinham poder aqueles que lidavam com alto rendimento e que produziam. Eles tinham verba para a pesquisa, e tudo; não existia verba para pesquisa na área social nem nada. Então esse grupo que fazia pesquisa na área social e história, essa parte não eram muito valorizados; a gente pegava, por exemplo, o CNPQ<sup>53</sup> e a CAPES<sup>54</sup> de onde saiam verbas para as pesquisas e para a formação de professores, eles eram dirigidos por esses grupo na área de Educação Física quem também não davam muita vez para os outros, entendeu? Então a luta foi por aí também naquele momento. Não sei se respondi tudo que você quis, mas vai perguntando.

L.A. – Sim, eu acho, é, diz o que, um pouco como é você acha que foi possível esse grupo, que em alguma medida era contra hegemônico, conseguir ganhar aquela eleição e ocupar esse lugar.

E.S. – Por que você acha que conseguiu? Porque foram pessoas que também foram criando outros grupos, que tinham referência, por exemplo, a Celi tinha bastante influência, grupos de estudos, ela era muito articulada, tinha muita fundamentação teórica e muito envolvimento político. Tinha grupos, o Valter<sup>55</sup> e o pessoal também de Santa Catarina... Na Educação Física e nos espaços do próprio CONBRACE foram agregando pessoas que estavam buscando uma outra perspectiva pra a Educação Física. E como quem votava eram os sócios do Colégio, pessoas foram votando nele e reverteu a situação. Entendeu.

L.A. – Você poderia contar um pouco como é que foi o processo de implantação dos Grupos de Trabalho Temático, os GTTs.

E.S. – Ah, eu lembro como se fosse ontem [risos]. Foi o seguinte: em 1995 o CONBRACE foi em Vitória e acabou sendo um pouco complicado para o pessoal organizar o evento lá, porque ficou um pouquinho de pessoas, no caso era o Valter, Fernanda<sup>56</sup> etc.; era um pouquinho de professores para pegar aquele tanto de trabalhos que chegavam e fazer a seleção daqueles trabalhos...Fazia seleção, botavam numa sala o pessoal: “Não, não está bom

---

<sup>53</sup> Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>54</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

<sup>55</sup> Valter Bracht.

<sup>56</sup> Fernanda Simone Lopes de Paiva.

aqui.” e dava aquela confusão toda e numa mesma sala tinha temas de tudo quanto é maneira. E, lá em Vitória mesmo, o Kunz<sup>57</sup> foi eleito presidente, que era de Santa Catarina, e naquela época era complicado, tinha dinheiro para nada e ele falou assim: “Eu vou formar a diretoria com a maioria das pessoas que estavam em Santa Catarina, para facilitar.” Então tinha ele, o Giovani<sup>58</sup>, os orientandos dele lá e etc, o vice dele, eu esqueci o nome. Então eles me convidaram, eu me lembro, foi exatamente nesse evento que eu apresentei o meu trabalho que eu tinha concluído em 1994, de gênero. Eles me convidaram pra ser da comissão científica, eu falei: “Nossa, comissão científica, essa distância... mas vamos pensar.” Daí eu chamei o grupo daqui.

L.A. – De professores e alunos.

E.S. – Tinha a Cida, a Vânia Noronha<sup>59</sup>, o Tarcisio, o Zé Alfredo, o Zé Ângelo e tal. Eu falei assim: “Vou pedir arrego a esse grupo. Ó, vocês me dão suporte? Estou contando a história do Colégio para chegar nas coisas... Eu aceitei trabalhar como diretora científica. Então nós fomos pra São Paulo no encontro, que era o encontro... Meu Deus, deu branco agora [risos], esse grupo de pesquisa brasileira, acabei esquecendo... Me deu um branco depois eu preencho essa lacuna. Então nós fomos a esse encontro, foi na PUC de São Paulo, e eu tinha participado, acho que nós fomos no mês de setembro para lá ou outubro. Em maio eu tinha participado da ANPED, e a ANPED já trabalhava com GTTs, e eu cheguei lá na reunião e o grupo: “Como é que nós vamos fazer?” E eu falei: “Eu tenho uma proposta. Vamos trabalhar com GTT.” Aí fui explicar para eles o que que era um GTT, qual que seria a grande vantagem, porque, por exemplo, podiam se organizar e trabalhar durante o ano inteiro, teria grupos menores, interessados em Fisiologia do Exercício, ou o grupo de História, naquela época a gente já tinha o grupo de História. Teria o coordenador, que estimularia durante o tempo inteiro, vamos lembrar que a gente não tinha internet, não tinha nada dessas coisas que tem hoje, viu? [risos] Tinha no máximo os computadores, eles estavam chegando na casa das pessoas. E aí o pessoal achou boa essa ideia: “Oh, vamos sim”, porque seria uma forma de você organizar por temas e de explorar e de estimular novos pesquisadores, então, tinha um grupo de Epistemologia que estava... Todo mundo adorou a ideia, então, vamos

---

<sup>57</sup> Elenor Kunz.

<sup>58</sup> Giovani de Lorenzi Pires.

<sup>59</sup> Vânia de Fátima Noronha Alves.

partir para fazer isso. Depois o grande problema foi: “Quais serão os GTTs que vão começar?” Aí começou aquela discussão, uns querendo que fosse, por exemplo, específico de Fisiologia, ou da Cinesiologia... “Não, assim será disciplinar...” Vamos pensar em grupos maiores, depois a gente tem que pegar os Anais, não sei se eu doeï os meus Anais de Goiânia, que eu vou explicar pra vocês, se eu levei já lá para o Centro de Memória<sup>60</sup> ou se ainda estão por aqui. Lá foram os primeiros GTTs, é importante se pegar então Goiânia, o CONBRACE de Goiânia... Depois de muita discussão lá, chegou-se que, para começar, seriam aqueles, aqueles GTTs. Bem, eu sei que tinha Lazer, que a gente depois convidou o Marcellino<sup>61</sup> para ser o coordenador, então, nós fomos assim, pegando esses grupos de pesquisas que já existiam, sabe? Dos pesquisadores, e convidamos para ser coordenador... O primeiro teve que ser convidado porque os outros seriam, eleitos, pelo grupo, mas o primeiro... Então no de Lazer a gente convidou o Marcellino e a Leila Mirtes<sup>62</sup>; o de Epistemologia ficou o Valter Bracht, como os outros grupos que ele já trabalhava, tinha outro que nós chamamos Pessoas com Deficiência ou Educação Física Especial... Eu sei que a gente foi agrupando, eu não lembro os detalhes, mas vale a pena depois vocês darem uma olhada. Bem, fizemos isso, eu vou extrapolar um pouco ainda, mas vou contar a história para vocês como é que foi.

L.A. – Fique à vontade.

E.S. – Bem. Lá venho eu para resolver que a gente... Primeiro, convidar essas pessoas para participar, explicar, tentar ver como é que era esse GTT e tal. Bem, que aí foi para o CONBRACE de 1997 que foi em Goiânia, pena que eu acho que é... Depois vocês pegam os Anais que eu acho interessante. Bem, então divulgamos porque essas coisas iam mais por carta, já tinha um pouco de *e-mail* na época, já existia *e-mail*. Então mandavam para o *e-mail* do grupo, divulgamos, etc. e as pessoas tinham que fazer inscrição no seu GTT. Tinha o GTT Escola, claro, o GTT Escola estava presente. Bem, foram as inscrições e em cada GTT seriam selecionados vinte trabalhos para exposição e os outros que pudesse iriam para os pôsteres, essa foi a ideia. Bem, o que mais se pensava, que as salas seriam organizada por GTTs, que teria espaço... Se você pegar a programação, tem espaços, no dia tal, quinta-feira

---

<sup>60</sup> Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>61</sup> Nelson Carvalho Marcellino.

<sup>62</sup> Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto.

e sexta e tal e tal, seria o horário do GTTs. Então o coordenador do GTT com seu grupo selecionava os vinte trabalhos, organizava mais ou menos por tema. Tinha tema, por exemplo, História da Educação Física na escola, tinham cinco; você faria um painel, organizaria um painel com aqueles temas, para ficar interessante e a nossa esperança era que as pessoas chegassem, ficassem naquela sala, pelo menos naquele tema. [risos] Que não ficasse andando porque antes dos GTTs, era um tal de... Você assistia um trabalho aqui, saia correndo todo mundo ia para o outro... Se esse aqui atrasava quando chegava lá achava era ruim, porque já tinha passado a hora dele, marcava que era as duas e quarenta e cinco, não é as duas e quarenta e cinco, saiu mais tarde...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]<sup>63</sup>

E.S. – E o pessoal: “ Para onde vamos mandar esses trabalhos?” Mandaram todos para Goiânia porque tinha que ter um lugar pra receber, foram todos pra Goiânia. Bem, fui eu pra Goiânia, imagina, sai de BH, para Goiânia, com duas malas vazias, bem grandes, chegamos lá ficamos uns quatro dias. “Por que Goiânia?” Porque Goiânia é onde que ia ser realizado o evento. Então eu sei que o Kunz foi de Santa Catarina e o grupo organizador da executiva de lá nos ajudou a separar esse material. Eles tinham que mandar, o texto digitado, aí a gente já mandou as normas, direitinho como é que tinha que ser a digitação do texto; o texto com mais o *cd* para fazer os Anais e o resumo, porque seria publicado. Tinha que mandar o resuminho também porque, por exemplo, os painéis, para quem fosse para os painéis, ia ser só o resumo. Bem, ficamos lá separando arquivo. Lá venho eu, [risos], com as duas malas [risos].

L.A. – Cheias?

E.S. – Cheia de texto. Você vê que estou querendo mostrar como é que a tecnologia alterou esse processo. A mala veio cheia de disquete, *cd* para montar aqui os Anais... Para pegar aqueles pacotes de trabalho, então, por exemplo, no Lazer, apareceram cinquenta inscrições, eu mandava tudo para o Marcellino e para a Leila com os *cd's* para eles separarem quais seriam e fazer a programação. E também foi mandado para todos os coordenadores desse

---

<sup>63</sup> Uma pessoa cumprimenta a entrevistada.



jeito. E aí se pegava o *cd* e ele não abria ou não vinha o resumo, ou então você falava que o texto podia ter no máximo, não sei, dez páginas e vinha com vinte páginas, trinta páginas. E para você localizar esse sujeito, tinha que mandar *e-mail*, tinha que telefonar. Gente, foi uma loucura total! Depois com os coordenadores: os coordenadores te mandavam quais eram os selecionados na ordem de entendimento para a gente fazer os Anais. Eu e a Leila contratamos uma menina para nos ajudar, fizemos os Anais todos aqui [risos] para mandar pra Goiânia. Então isso foi o primeiro momento do GTTs. E teve mais detalhe que eu não preciso te contar: implantamos lá as salas do GTT, mas foi uma grande novidade porque ninguém estava acostumado com aquilo e era uma de entrar numa sala, de entrar na outra, etc, etc. Aí, deu um problema nos primeiros dias, porque todo mundo queria entrar e sair das salas do mesmo jeito de antes quando não existia os GTTs [risos].

L.A. – Foi necessário, então, escolarizar o pessoal [risos].

E.S. – Teve que escolarizar. Mas a gente acha que foi... Em um primeiro momento foi interessante, assim, em termo de organização e também porque outros grupos, que vários desses grupos conseguiram se organizar, de fazer eventos separados depois ao longo dos anos, de bolar publicações. Você pode ver que saíram publicações, não sei se você tem esses arquivos do CONBRACE. Eu mesmo juntei tudo em caixa para mandar lá para o Centro de Memória<sup>64</sup>, mas eu sempre tinha isso, publicações específicas de grupos... O material é bem interessante porque depois eles foram se transformando, foram mudando de nome. Então se você comparar aquele momento com agora, com certeza deve estar bem diferente. Mais ou menos isso, não sei se te contei mais histórias do que precisava né.

L.A. – Não, não. Histórias a mais são sempre boas [risos]. Onde você percebia o surgimento de discussões de gênero, em que GTTs que você percebia isso circulando?

E.S. – Olha, eu acho que teve na História porque era o grupo da História era também muito ligado a esse de Gênero. Depois acho que começou aparecer um pouco, por exemplo, na Dança, deixa eu ver o que mais... Eles pipocavam um pouco e eu acho que... Deixa eu ver,

---

<sup>64</sup> Centro de Memória do Esporte (ESEFID-UFRGS) que abriga o acervo do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte como uma de suas coleções.



Dança, nos esportes, sabe, tinha um que era esporte, um dos GTTs era Alto Rendimento, nesse eu acho que não apareceu muito não... Acho que vinha mais um pouco esporte e mulher, mas gênero eu acho que foi mais na História e na Dança mas eu teria que dar uma revisada, mas a princípio o que eu me lembro naquela época eram esses, tá.

L.A. – E essas discussões apareciam em outros lugares para além dos trabalhos, seja em mesas, ou nos próprios boletins do CBCE? Isso era uma temática que chamava atenção de outras formas?

E.S. – É, eu acho que nos boletins... Porque essa produção começou a circular e não só no CONBRACE; acho que nos boletins ela foi ficando mais, mais... Mais explícita, ou seja, aparecendo mais vezes, exatamente quando o boletim abriu mais... Ele deixou aquele que, publicava só mais artigos ligados à área biológica... Eu acho que, por exemplo, no tempo que a gente foi do CONBRACE, na diretoria, pois a gente fazia muita questão porque exatamente foi naquele momento que tinha tido um racha, no momento anterior há quatro anos atrás; há dois anos atrás, não sei, que tinha sido o outro grupo que tinha assumido, principalmente o pessoal do grupo da Celi que nos antecedeu,... Depois do grupo da Celi que fomos nós, nós fizemos um movimento mútuo, de tentar ver se, por exemplo, que o CONBRACE tinha espaço para todos, que o CONBRACE teria espaço para o pessoal que discutia mais a área social, mas também a biológica. Por isso que a gente colocou um GTT de Alto Rendimento, tinha um dia GTT de Biomecânica, se não me engano. Mais ou menos por aí. Então era: “não, esse espaço é Educação Física, tem que tratar de todas as dimensões do ser humano e de todas as práticas esportivas.” Todos os estudos que envolve a nossa área porque no início falavam... Tanto é aquilo que chamavam Colégio de Ciências do Esporte... Não, e Educação Física é esporte? Toda essa discussão epistemológica que vinha dentro, mas a gente tentou garantir tanto no GTT, e isso é importante lembrar, que o GTT tentou fazer esse movimento. Você pode observar lá, que algumas coisas, por exemplo, esse de Alto Rendimento que era importante ter alguém que coordenasse que não fosse aqueles que tinham rachado com o CONBRACE, né. [risos]. E ai hoje eu sei que nós descobrimos um professor lá de Santa Catarina que era ligado ao Kunz mas que era pesquisador dessa área... A gente tentou ir fazendo, foi essa tentativa de criar espaço para todos... Não é que não existia espaço no tempo da Celi, só que o racha tinha sido tão grande que o pessoal tinha se afastado. Eu falei: “Bom, é importante a gente reunir todos os pesquisadores das diferentes

áreas” lembrando que o CONBRACE também não era só da Educação Física, era questão da Medicina Esportiva, esse grupo todo.

L.A. – Em que momento você vê o CONBRACE se tornando praticamente um congresso da Educação Física mesmo? Quando isso se dá?

E.S. – Ah, logo que a Celi assumiu o grupo dela.

L.A. – E, esse afastamento que você menciona, foi de fato um desligamento das pessoas do Colégio? As pessoas deixaram de se associar, alguns dos pesquisadores?

E.S. – Ah sim, eu acho que na área biológica começaram criar outros mecanismos, criar outros grupos, entendeu? Acho que levou um tempo para eles... Mas nem todos, acho que gerações, próximas gerações, que eu acho que foram se aproximando mais né. Mas aquele grupo mesmo que era da diretoria no início, acho que desapareceu; o Alfredo, que também era da visão pedagógica, mais o Tubino, o Kokobun<sup>65</sup>, aquele grupo todo, eles, não participavam mais.

L.A. – E voltando a falar um pouquinho da questão de gênero. Que aspectos que você acha que mudaram um pouco daqueles primeiros trabalhos na época que você começa a trazer essa discussão, para o que você observa até agora assim, dessa trajetória.

E.S. – Eu vou precisar ir até um pouco atrás, que tem um tempo que eu não estou estudando muito mais gênero. Mas eu acho que, no primeiro momento, eu falei, a gente trabalhava muito com aquela, quase que dicotomia, masculino e feminino, que era com a Joan Scott, era referência dela, no primeiro momento é essa. E depois eu acho que ela foi avançando, quando foram surgindo novos teóricos explicando novas dimensões de gênero, então, eu acho que esse que foi o avanço. E os estudos que foram surgindo com muitos detalhes, do cotidiano das pessoas, as fontes foram diferenciando também e é muito interessante, eu acho que tivemos muitos trabalhos interessantes nos cotidianos da escola, das escolas principalmente, e também no mundo esportivo. Então eu acho que isso foi um grande avanço

---

<sup>65</sup> Eduardo Kokobun.

nas áreas de pesquisa, o que no início era legislação... Eu estou ligando não só História e Gênero, mas Gênero também no cotidiano da escola, nas dimensões pedagógicas. Eu acho que a gente foi enxergando, no interior da Educação Física, detalhes que a gente via no global, no início né, então se falava... Por exemplo: quando no meu trabalho mesmo, eu trabalhei um período enorme com várias fontes depois, foi se aprofundando em cada uma delas. E também, eu acho assim, a sociedade foi se abrindo mais para essas discussões... Ah, eu queria lembrar uma coisa, porque mesmo os trabalhos de origem marxistas, forte, com as tendências, eles não davam muita atenção para trabalho de gênero não, porque o grande foco era o coletivo. Então quando você trabalha gênero, você trabalha o indivíduo também, não indivíduo distante dessa sociedade, dessa coletividade, da cultura, mas o indivíduo na cultura, o indivíduo e cultura dialogando. E, então com o tempo acho que isso foi virando outras teorias que foram aparecendo, que foram dizendo: “Não, olha, o indivíduo é importante sim, o sujeito inserido na cultura, nesse diálogo constante entre cultura e sujeito” que no início não era muito claro isso, entendeu?

L.A. – Sim.

E.S. – Eram questões que ficavam para depois ou então falavam homens e mulher... Eu acho que outro grande avanço foi esse: existem homens e mulheres, não existe homem e mulher. E aí aprofundamos nessa direção, eu acho que foi muito legal, então, todos esses preconceitos de homem, de mulher, eles começaram a ser melhor, vamos dizer assim, analisados, pensados, discutidos. Agora, você me perguntar assim: “E a sociedade mudou tanto?” Não! Eu acho que não mudou tanto, [risos]. Eu vou te contar duas histórias que eu soube de uma diretora de escola. No mês passado ela me contou que foi procurado por um pai, o pai estava uma fera porque na escola tinham ensinado balé para o menino. O menino chegou fazendo passinho de balé... Nossa, o pai queria acabar com a escola, aí foi preciso de toda uma confusão para explicar: “Não, a gente não está ensinando seu filho nada, a gente está ensinando seu filho conhecer o que é o balé” [risos]... Que que a sociedade recrimina o balé, e etc, etc”. E um outro dia, nessa mesma escola, um outro pai... Porque o professor falou com o menino que não tinha importância ser rosa ou azul não e que menina podia... Que o menino podia usar coisa rosa, aí ele viu, menino pequeno ainda hein, viram os dois discutindo, os priminhos discutindo lá, e a menina: “Que besteira é essa, o professor disse que o menino pode usar rosa” E o pai quase que morreu... Você imagina então isso, quer

dizer, eu acho que... Eu uso no final da minha tese, uma citação do Bourdieu<sup>66</sup> que ele disse que entre as formas de essencialismo a de gênero é das mais complicadas, das mais difíceis de desenraizar. Então, continuo assim, mas eu acho que essas pesquisas tem ajudado muito a compreender, a explicar essas questões para a sociedade; tem muito trabalho ainda, mas eu acho que nós avançamos muito nesses vinte anos, sabe, de compreender muito isso, no dia a dia. Não sei se respondi.

L.A. – Sim com certeza, respondeu sim. Você acompanhou a criação do GTT de Gênero que aconteceu no penúltimo CONBRACE e se concretizou no último? Você chegou a acompanhar parte dessa discussão?

E.S. – Não. Eu não fui mais nesse, mas eu discuti um dos primeiros momentos. [risos]. Sabe, que já tem tempo que a gente tentava fazer isso, que era o de História; História e aí Gênero. Mas, sempre quando ia para o coletivo tinha embate: “Não, é muito restrito. O GTT não pode ser tão restrito e etc, etc”. Daí nesses últimos eu não acompanhei não, sabe, e eu não tenho lido o que tem saído no CONBRACE. Até tenho que entrar no site do CONBRACE pra ver mais coisas, sabe, eu andei me desligando um pouco por questões familiares que eu tenho me dedicado mais e não tenho tido muito tempo, mas eu quero voltar pra olhar, para te dar notícias. [risos]. Mas eu não soube, eu sei que a gente tinha essa perspectiva desde o início, no primeiro momento... Quer dizer, nos 1980, também não tinha tanta pesquisa no início, depois quando você vai criando... Porque nos GTTs acontece assim, eles só conseguem ser criados quando já tem um número de pesquisas, que garantem essa a área, mas eu não vi. Mas foi legal?

L.A. – Foi, foi bem bacana. Gostei muito dos trabalhos que foram apresentados e da possibilidade de estamos todos juntos e juntas naquele GTT, estar disperso cada um pensando sobre Gênero dentro do Lazer, dentro da Escola, dentro do...

E.S. – Claro, eu acho que já têm pesquisas o suficiente para ir muito além. Que bom, depois eu vou... Até me despertou curiosidade, vou retomar meus estudos que eu andei meio alienada um tempo [risos].

---

<sup>66</sup> Pierre Félix Bourdieu.

S.A. – Mas às vezes é bom dar uma desligada também um pouco.

E.S. – É, foi minha condição mesmo do dia a dia.. Quando eu saí, deixei a faculdade, foi mesmo para me dedicar mais a minha família, então, eu estou muito assim dona de casa, sabe. [risos]

L.A. – Sei. E, e, você podia falar um pouco, mesmo à distância, qual que é a importância desse GTT se formar.

E.S. – Olha, nossa, eu acho que..., ele é *super* importante porque vai concretizar cada vez mais aquela ideia que a gente tinha da possibilidade de maior intercâmbio entre os pesquisadores; maior estímulo porque é nesse lugar que você vai trazer novas teorias, sabe, esse diálogo entre as diferentes fontes utilizadas é que vai fazer crescer a pesquisa. E a gente já tem um número de pesquisas suficiente, um grupo dedicado a isso, eu não sei nesse momento eu não conheço mais outros grupos, além desses que eu conhecia do passado, mas com certeza já deve ter surgido outros grupos... Porque pessoas que saem daqui chegam lá, os filhotinhos, criam novos grupos, e eu acho que assim vai criar uma força maior também de divulgar esses estudos, de ampliar a divulgação desses estudos, para ver se a gente consegue... Sei que a gente dá contribuição, só que elas são muito devagar [risos], na sociedade. Você levar isso para as escolas. Eu vejo, por exemplo, essa própria diretora que veio atrás de mim; ela veio atrás de mim para eu dar material para ela poder escrever mais, ter argumentos perante os pais. Então eu acho que é muito legal isso, e esse grupo... Quem que era coordenador agora de Gênero?

L.A. – Agora mudou, era a Silvana, mas passou... Eu acho, que era a Silvana e a Ludmila<sup>67</sup>. E passou pra Helena e para Maria Simone<sup>68</sup>.

E.S. – Certo. Agora, não sei o que o GTT está fazendo, mas se não tiverem fazendo isso, a sugestão que eu dou, seria produzir um material simples para alimentar constantemente num

---

<sup>67</sup> Ludmila Nunes Mourão.

<sup>68</sup> Maria Simone Vione Schwengber.

diálogo com as escolas, sabe. Para aquelas sínteses, sabe, orientações para que os professores pudessem trabalhar com as crianças e também com os pais, alguma coisa nesse sentido, porque às vezes nós no mundo acadêmico a gente acaba ficando um pouco fechado nos nossos textos... Mas fazer uns textos didáticos a partir das pesquisas dos GTT, eu acho que seria muito legal...

L.A. – E até pensando numa linguagem mais acessível, menos acadêmica, no sentido de atingir...

E.S. – É, produzir também um material didático, assim, um livretinho com criança desde pequena igual vê o pai falando: “O menino pode usar camisa cor de rosa, nossa senhora!”. Não sei se você se lembram foi o Atlético<sup>69</sup> que fez umas camisas cor de rosa.

L.A. – Sim.

E.S. – E todo mundo quase que morreu. Daqui a pouco tão usando camisa cor de rosa também. Mas eu fico muito feliz e parabéns ai para o grupo, eu vou tentar... Vocês me despertaram agora a curiosidade.

L.A. – Se quiser conhecer...

E.S. – Dar um pitacos lá também [risos].

L.A. – Coincidentemente o próximo é em Goiânia, esse ano, então já te relembra também outras lembranças boas da época de...

E.S. – E vai ser quando? Setembro?

L.A. – Vai ser em setembro, dia 17 a 21 de setembro.

---

<sup>69</sup> Clube Atlético Mineiro.

E.S. – É, de repente dou até uma animada de ir lá. Porque vai ser vinte anos já... Nossa vinte anos, eu sou capaz de dar uma idinha lá, viu? Estou querendo ir a Goiânia, de repente eu vou ficar de olho nisso... Vai ser muito legal. E comparar o que era a CONBRACE de 1997, o que é CONBRACE hoje, né.

L.A. – É, quando você menciona essas coisas das malas de você ter que organizar e tinha uma funcionária, e você...

E.S. – Vim com aqueles trabalhos todo, sei lá, quinhentos e tantos trabalhos nas duas malas, cheia de *cd* [risos].

L.A. – É. Outra estrutura, outra lógica né.

S.A. – E hoje o sistema ele é muito mais acessível, tu põe lá se já ultrapassou os caracteres, o sistema já avisa.

L.A. – Informatização facilitou muito a vida dos professores.

E.S. – Nossa senhora, isso aí foi... Mas o GTT, a gente ficou feliz de ter dado esse empurrãozinho primeiro, para a criação dos GTTs.

L.A. – Legal. Eustáquia, tem mais alguma coisa que a gente não te perguntou que você gostaria de acrescentar, de alguma das temáticas e de qualquer outra coisa que você, enfim, gostaria de adicionar?

E.S. – Não, porque, vocês estão vendo Gênero e CONBRACE como é, qual que é o estudo de vocês aí para poder contribuir?

L.A. – É, esse, propriamente dito: a gente quer discutir um pouco esse surgimento da discussão de gênero até chegar a constituição dos GTTs. Assim, seu trabalho foi o primeiro que traz a categoria gênero, em 1995 se não me engano, e agora a gente chegou a constituir no último, o GTT, então, um pouco dessa trajetória.

E.S. – É, eu acho que já falei bastante disso aí, mas vou ver o que eu podia... Então acho que lembrar que no início não era, não se preocupava, não era só no CONBRACE, quer dizer, era na sociedade como um todo quase, nas faculdades de Educação... Esse acho que foi um marco mesmo, vamos lembrar que veio a redemocratização, que não caiu por acaso aqui, né. Que partiu dos estudos da mulher para chegar na categoria gênero, categoria gênero partiu principalmente dos estudos da História da Educação, nas faculdades de Educação, aí vamos lembrar da Guacira, desse grupo do Rio de Janeiro, também estudava Gênero, do grupo da Unicamp, também estudava Gênero, mas o que mais que eu podia dizer pra você... Não estou lembrada muito agora não, se eu for lembrando eu posso até ir te mandando. [risos].

L.A. – E quando a gente retornar a entrevista também se você quiser acrescentar alguma coisa, em qualquer um dos campos, pode ficar à vontade, não tem...

E.S. – É, eu posso até dar uma vasculhada lá no GTT ver o que que foi apresentado para ver que... Mas eu acho assim: eu acho que foram vinte anos que muita coisa avançou, em termos dos estudos, e a sociedade também. Eu acho que esse movimento que não é só da Educação Física, mas é também dela, é também dela. Eu acho que na realidade, eu vejo que a Educação Física é uma das áreas que mais avançou em estudo de Gênero, talvez porque a gente fosse mais oprimida porque aquela coisa turma masculina e feminina, separada.

S.A. – Que era mais acentuado isso.

E.S. – Avançou nos estudos. A gente tinha um desafio maior talvez, do que a maioria do pessoal, e muito interessante. E, é muito legal também a gente ver, eu não sei, está aparecendo muito trabalho com o masculino, com foco no masculino.

L.A. – Tem aumentado muito. Eu fiz um pequeno levantamento, não do CONBRACE, mas estava fazendo do Fazendo Gênero<sup>70</sup> e, surge os que pensam homens assim nos anos 2000, que começa...

---

<sup>70</sup> Seminário Internacional Fazendo Gênero.



E.S. – Tem o Carlos Fernando eu acho que... O Carlos que faz o Colégio Pedro II, a história do Pedro II, ele trabalha masculinidade, masculinismo. Aí é legal, é, vamos ver, ultimamente eu não tenho lido muito, mas eu posso ler e tentar dar uma contribuição para vocês... Pelo menos eu contei para vocês umas histórias que eu nunca contei para ninguém, pelo menos fica registrado. [risos].

L.A. – Claro, é para a posteridade. [risos]. E se quiser falar alguma coisa de qualquer outra temática da sua trajetória, pode também acrescentar porque, enfim, como a gente vai usar essa entrevista para nossa pesquisa, mas depois a gente publica no site do CEME<sup>71</sup> e outros pesquisadores também podem fazer uso disso. Se quiser, acrescentar algum ponto.

E.S. – É, porque acho que nesse período tem coisa demais para contar sobre os anos 1990; os anos da ditadura que também a gente fez um monte de coisa, quer dizer, o envolvimento nosso. É importante, por exemplo, que o CBCE, a partir do pessoal que pensava a Educação Física nessa perspectiva mais cultural, da cultura corporal de movimento, teve uma influência muito grande na LDB<sup>72</sup>. E da Constituição de 1988, entendeu, apesar de que a gente não conseguiu, por exemplo, colocar o nome Educação Física na Constituição de 1988, mas ela veio na LDB. Quer dizer, apareceu, acabou aparecendo no esporte, pois o CBCE estava ali junto tentando discutir essas questões. Eu lembro que a gente fez várias reuniões, por exemplo, na USP, e acabou que quem filtrava mais isso na época era o Manoel Gomes Tubino. O professor Tubino acabou aparecendo como naquela perspectiva do esporte de rendimento, do esporte escolar, e etc, não era no artigo duzentos e dezessete da Constituição, mas aquilo eram coisas discutidas no CBCE, então, o CBCE teve influência nisso. Depois chegou o período da LDB que a gente também enquanto CBCE discutiu muito o que que poderia fazer, o que que faríamos com a Educação Física na LDB. Então no próprio Colégio tinham ideias muito diferentes, tinha algumas pessoas que falavam assim: “Até esse momento a Educação Física foi obrigatória. E era imposição do militares e etc. Nós não vamos lutar para que a Educação Física seja obrigatória na LDB.” E aí ficou aquela discussão etc, etc. Só que começou a acontecer, as outras disciplinas todas começaram a aparecer enquanto obrigatória na LDB e se a Educação Física não aparecia como obrigatória, tchau

---

<sup>71</sup> Centro de Memória do Esporte.

<sup>72</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

mesmo, nunca mais. E foi preciso a gente fazer um trabalho de formiguinha. Então por exemplo o professor Cury<sup>73</sup>, era um dos relatores da LDB, que era do conselho nacional, então, a gente começou a aproximar dele que ele era aqui de Belo Horizonte da Faculdade de Educação. Eu comecei a convidá-lo para levar para os encontros do CONBRACE, sabe, no CONBRACE, nas reuniões regionais do Colégio para ele fazer palestra. Ele foi para Santa Catarina, foi na Bahia, num monte de coisa, etc. Porque ali era o momento dele ser influenciado pelo grupo de discussão e tanto é que nos ajudou muito, por isso que saiu a Educação Física... Só que saiu meio que estranho, saiu: “A Educação Física é...” Não saiu a palavra obrigatória, mas “é componente curricular da educação básica, etc.”... Foi trabalho do CONBRACE, aliás do Colégio, entendeu? Foi trabalho do Colégio. É, depois desse momento começou surgir o CONFEF<sup>74</sup>, que foi outra loucura porque o CONFEF começou... Porque o grupo que pertencia e pertence ao CONFEF tem muitas ideias do Colégio inicial. Então, eu acho que houve um retrocesso, porque primeiro a LDB no artigo vinte e seis que dizia que a Educação Física era componente da Educação Básica, só como não parecia a palavra obrigatória; começou o CONFEF a fazer um movimento para dizer que a Educação Física não era mais... Quando falar é gente, é, é o que? [risos], é um tempo de verbo que determina que ela é, que tem que ser obrigatória, não precisa aparecer a palavra obrigatória, não, mas tinha que aparecer. Aí saiu uma lei coordenada pelo CONFEF para aparecer a palavra obrigatória. Bem, passa mais um, dois anos, de repente cai na nossa cabeça, aí sem o Colégio saber, sem envolvimento do Colégio e etc, etc, que diz: “A Educação Física é componente obrigatório da educação básica, excluindo-se...., Ela é facultativa, para, quem tem prole” Aí ficou pior ainda porque antes no interior ele dizia para as mulheres que tinha prole; agora o homem, o menino de quatorze, quinze anos, se tiver filho ele pode ser dispensado. E voltou então exatinho como era no tempo da ditadura, sessenta e nove, quatrocentos e cinquenta, e nisso o Colégio dançou um pouco assim, quer dizer, eles tiveram mais força política de influências de certa forma, então é esse embate constante entre as ideias do passado e essas consideradas inovadoras. Então é algo nunca acabado [risos].

L.A. – Com certeza.

---

<sup>73</sup> Carlos Jamil Cury.

<sup>74</sup> Conselho Federal de Educação Física.

E.S. – Depois se vocês quiserem me perguntar depois, vejam as dúvidas, eu também vou rever.

L.A. – Então queria agradecer novamente, muito obrigado Eustáquia, foi um *super* prazer, valeu mesmo.

E.S. – Tá bem.

S.A. – Em nome do Centro de memória do esporte, obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]